

IMAGINÁRIOS DE SALVADOR SOB AS LENTES DA PANDEMIA

Maiara Bomfim Franco¹
Liliane Vasconcelos²

Resumo: Perceber a cidade de Salvador pelas lentes desfocadas de uma crise sanitária sugere releituras e ressignificações sobre como essa cidade tem se revelado, à medida que o distanciamento é evocado como a principal medida protetiva contra o recente perigo invisível. Desse modo, o presente artigo propõe dialogar com narrativas elencadas no imaginário simbólico da cidade por meio das tendências geradas pela era pandêmica, a fim de investigar os modos como novos olhares têm sido estabelecidos sobre a capital baiana. Nesse aspecto, serão analisadas as crônicas da escritora Lorena Grisi (2020) e o vídeo *Uma Saudade Chamada Salvador* (2020) protagonizado pela artista Larissa Luz a partir de uma perspectiva multidisciplinar o imaginário da capital baiana será discutidas diante das imagens e representações presentes nas narrativas aqui elencadas. Com isso, percebeu-se que a cidade de Salvador tem fomentado mediações introspectivas e saudosas, as festas silenciadas, os encontros adiados, projeções fundamentadas para tecer a imagem de um futuro esperado em brevidades.

Palavras-chave: Literatura. Cidade. Imaginário. Pandemia.

1 INTRODUÇÃO

As imagens da cidade são constituídas por seus movimentos e representações que no meio urbano são edificadas. Risério (2015) afirma que a cidade é um artifício humano. Cidade implica gente. O campo pode ser deserto. A cidade, não. Ela significa reunião, aglomeração de pessoas. Implica vida conversável.

A pandemia elencada pelo aparecimento do Sars-CoV-2 (Covid-19) representa um dos maiores desafios sanitários em escala mundial deste século. Na primeira semana do mês de abril, poucos meses depois do início da epidemia na China, em dezembro de 2019, já foram reportados mais de 1,5 milhão de casos e 85 mil mortes no mundo. De acordo com o Ministério da Saúde (2020) no Brasil, até o dia 22 de julho de 2020, foram registrados

¹ Mestranda do programa de Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da UCSAL.
E-mail: maiara.franco@ucsal.edu.br

² Doutora em Literatura e Cultura . Professora do curso de Letras e do PPTDS da UCSAL
E-mail: liliane.vasconcelos@pro.ucsal.br

2.227.514 casos confirmados e 82.771 mortes pelo Covid-19, fato nunca antes vivenciado no contexto nacional.

Nesse aspecto, perceber a cidade pelas lentes proporcionadas pelo distanciamento social, medida protetiva adotada pela Organização Mundial da Saúde/OMS (2020), sugere ressignificações sobre como o imaginário coletivo simbólico da cidade tem se revelado em tempos onde um simples aperto de mão pode ser fatídico, o que desestrutura todo sentido do viver o cotidiano das grandes cidade. O medo do contato com o outro, a presença constante da morte ditam as regras do cotidiano atual, levando a cidade a se restringir em si própria.

Com isso, o isolamento constrói uma rede atípica nas dinâmicas das cidades, visto que os centros urbanos são naturalmente locais para os encontros, para as trocas, e para o movimento. Observar as multidões dissipadas e as ausências em desfiles cívicos evoca uma onda de desconstrução no modo como as pessoas têm ocupado o cotidiano citadino.

O “novo normal” tem criado hábitos rigorosos de higienização e distanciamentos, ir ao mercado é o destino mais visitado da população, nas filas há marcações no chão anunciando a necessidade dos afastamentos. Chegar a suas casas para muitos evoca de imediato os rituais de limpeza. Há quem passe horas limpando cada item com álcool, água e sabão; os sapatos devidamente do lado de fora; os banhos longos e o questionamento se dessa vez ainda é possível estar seguro e longe da contaminação.

O cenário contemporâneo sugere olhares para uma Salvador em novas roupagens, é necessário reconstruir as representações cidadinas para encarar a nova realidade. Visto que com a chegada do vírus ao território brasileiro, criou-se uma atmosfera de alerta constante sobre os riscos à saúde pública e a necessidade de manter seriamente um distanciamento social. Com isso, os espaços antes ocupados pelo movimento, agora recebem perspectivas de proibição e inadequação, limitando interações diretas e trânsito intenso de pessoas, principalmente nos grandes centros urbanos, lugares caracterizados.

Carlos Bonfim (2019) aponta que uma cidade não se define apenas pelo seu aspecto topográfico (natural ou edificado), mas também pelo uso e pelas representações que dela fazem os seus habitantes, entender a cidade requer

considerar que a vida urbana é uma trama complexa que precisa ser estudada tanto a partir de sua dimensão física, quanto de sua dimensão social, subjetiva.

Com isso, observar a cidade requer mais do que olhares objetivos, é preciso percorrer as subjetividades elencadas nos imaginários citadinos.

Nessa perspectiva, o presente artigo propõe dialogar com narrativas construídas no cenário pandêmico contemporâneo, a fim de investigar os modos como novos olhares têm sido estabelecidos sobre a capital baiana. Assim, serão analisadas e discutidas crônicas da escritora Lorena Grisi (2020) e o vídeo *Saudade de Salvador* (2020) protagonizado pela artista Larissa Luz e dirigido pela Mandinga Filmes.

2 A CIDADE DE SALVADOR NA ERA PANDÊMICA

Armando Silva (2001) aponta que uma cidade se diferencia da outra não apenas por sua capacidade arquitetônica que ficou para trás após o modernismo unificador em avançada crise, mas pelos símbolos que os seus próprios habitantes constroem para representá-la. E os símbolos mudam as fantasias que uma coletividade elabora para fazer sua a urbanização de uma cidade.

Nesse sentido, tem sido uma experiência inusitada observar a cidade de Salvador experimentando dinâmicas que evocam discontinuidades sobre a agitação e movimentos presentes na urbe. Tendo em vista o atual cenário proporcionado pelo aparecimento do vírus Sars-CoV-2 (Covid-19), as instruções sobre o distanciamento social e isolamento tem causado desconstruções no modo de se relacionar e perceber as cidades.

As imagens que representam a capital baiana estão habituadas ao enredo das festividades, ao encontro, às aglomerações. Em 2020 não houve festejos de São João na Bahia, nem o emblemático 2 de Julho com seus ritos históricos carnavalescos movimentando a multidão pelas ruas de Salvador. Pela primeira vez em 197 anos (TV BAHIA 2020), não foram realizados o tradicional cortejo cívico e a apresentação de grupos folclóricos ou culturais pelas ruas da capital baiana.

O Dois de Julho era a primeira festa cívica da Bahia oitocentista, muito mais importante do que o Sete de Setembro e os outros feriados imperiais, abolidos pela República em 1889. Um complexo conjunto de ritos tanto carnavalescos quanto didáticos, o Dois de Julho formava uma representação coletiva da sociedade baiana na qual os habitantes da cidade se classificavam por origem nacional, classe e raça. A festa demarcava uma identidade baiana em oposição a duas grandes outras — portuguesa e africana —, mas também destacou diferenças de classe e raça dentro da sociedade baiana. (KRAAY, 2000, p. 47)

A cidade de Salvador tem sido representada desde muito tempo pelas imagens de fé e alegria. A multidão se reúne para tecer o imaginário simbólico dos encontros, dos festejos, da multiplicidade cultural, principalmente pela pluralidade religiosa fruto da miscigenação oriunda dos processos coloniais. Para tanto, cabe observar a silhueta da cidade descrita por Jorge Amado (2002).

Vem, a Bahia te espera. É uma festa e é também um funeral. O seresteiro canta o seu chamado. Os atabaques saúdam Exu na hora sagrada do padê. Os saveiros cruzam o mar de Todos os Santos, mais além está o rio Paraguaçu. É doce a brisa sobre as palmas dos coqueiros nas praias infinitas. Um povo mestiço, cordial, civilizado, pobre e sensível habita essa paisagem de sonho. Vem, a Bahia te espera (AMADO, 2002, p. 13, 42ª edição).

Salvador é um convite. E como dizer para uma cidade inteira que já não é permitido cantar os festejos e que repentinamente é necessário se vestir de distâncias e ausências? Os artistas baianos, até os mais desconectados, estão aderindo aos chamados da era digital para preencher os palcos domésticos com música, cor e poesia.

Para Silva (2001) ver, cheirar, ouvir, passear, deter-se, recordar, representar são atributos que devem ser considerados em cada cidade. Porém, não qualquer cidade, mas aquela vivenciável, isto é, uma coleção de fragmentos de lugares vivenciados, percebidos por meio da sociabilidade humana dentro das relações interativas entre indivíduo e cidade.

A população se deparou com um perigo novo e invisível, não havia preparação prévia, todos os mecanismos para enfrentamento dessa nova doença precisaram ser criados na medida em que as consequências se alastravam pelas cidades. O governo baiano, após meses enfatizando

religiosamente o isolamento social como a medida mais importante no combate à doença, contabiliza perdas consideráveis enquanto busca diariamente novas medidas para amenizar os problemas causados até o momento. Toda a cidade tem se modificado para atender as demandas impostas por um perigo invisível e ameaçador.

Apesar da presença de um vírus recém-descoberto, o enfrentamento pandêmico não é um cenário novo para os soteropolitanos, em 1918 a cidade de Salvador viveu a chegada da histórica gripe espanhola. Souza (2005) aponta que quando a gripe espanhola aportou na Bahia, ali reinava um clima de insatisfação, conflito e insegurança gerado por fatores como as disputas de poder entre as diversas facções políticas; a crise financeira do estado; a carestia e a pobreza generalizada; as greves; as transformações urbanas que desalojaram grupos sociais inteiros, sem, no entanto, dotar a cidade de uma estrutura sanitária satisfatória.

Certamente, a gripe espanhola promoveu demandas condizentes ao cenário possível naquela época, assim como é possível presenciar questões relacionadas ao momento atual, o que gera questionamentos tendenciosos sobre como a população tem se aliado à tecnologia para enfrentar as diversas consequências geradas pela pandemia contemporânea. As instituições educacionais buscaram aplicativos *online* para transmitir aulas, as redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, *WhatsApp* nunca estiveram tão congestionadas, o modo de criar e promover entretenimento tem sido pensado nas vivências internas, domésticas, tudo apreciado no conforto do sofá.

A literatura contemporânea tem se desdobrado em tecer enredos confiáveis que consigam acompanhar a ordem dos acontecimentos, à medida que os próprios escritores experimentam tais circunstâncias. Além da responsabilidade em aferir fatos históricos memoráveis, o imaginário poético tem sido moldado pela dinâmica contraída em espaços fechados, ao mesmo tempo em que busca expandir seus atravessamentos lapidados pelos noticiários.

Nesse contexto, sendo a crônica responsável por abordar diálogos entre o autor e suas visões construídas no meio em que o mesmo se encontra, as narrativas sobre as cidades têm aparecido por meio de vislumbres sobre os

acontecimentos dessa contemporaneidade inusitada que se estabeleceu sob o mundo.

Como dito anteriormente, as plataformas digitais tem sido um importante meio de veiculação das narrativas contemporâneas, e com as restrições estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (2020) sobre o distanciamento social, escritores baianos têm expressado suas perspectivas e vivências experimentadas no isolamento aliados ao uso dessas tecnologias.

A escritora baiana Lorena Grisi (2020) tem relatado em suas crônicas situações corriqueiras revisitadas por olhares adaptados às novas demandas sociais, em um de seus textos, retrata as perspectivas de pessoas se manifestando no *Facebook* sobre o que fazer após o fim do isolamento social, os desejos vão desde uma oportunidade de abraçar os amigos no bar, encontro com os avós, até aos *flâneurs*³, saudosos por andar pelas ruas de Salvador, que tem vivido seus festejos de modo silencioso e sutil, tudo muito cauteloso e introspectivo, amplificando sensibilidades dentro desse imaginário coletivo antes edificado em festividades, barulho, calor, memória e temperos fortes de uma cidade assistida agora pelas janelas, sejam essas virtuais ou dispostas no concreto das paredes domésticas.

A autora mostra uma relação íntima com a cidade enquanto retrata recortes de sua antiga rotina no trânsito intenso de Salvador, sem desprezar uma essência nostálgica em seu discurso, aborda os trâmites tecnológicos utilizados para desassociar a necessidade de aglomerações festivas, percorrendo narrativas sobre o uso das redes sociais em um impulso que beira o desespero dos indivíduos em estabelecer qualquer contato que seja com o calor humano limitado pelas telas apáticas.

Contudo, desde que começou esse período, que supostamente nos ofertaria uma economia de tempo (não tenho que ficar engarrafada na Avenida Jorge Amado, não tenho que limpar as lentes de contato), parece que uma nova disposição das vinte e quatro horas do dia foi realizada, tendo como referente não mais o nascer e o pôr do sol, mas os horários desse novo

³ Entende-se por comportamento de flâneur a forma sensível de caminhar pelas ruas da cidade, atendo-se à cidade como um texto, interpretando a todos e a tudo que forma o cenário urbano. Esse método, praticado por Baudelaire, foi a principal fonte de inspiração para Walter Benjamin apreender a modernidade, a partir de um caráter de novidade e transitoriedade presentes nas grandes metrópoles do século XIX (ZILMERMANN, 2016).

fenômeno contemporâneo da era pandêmica: as *lives* do Instagram. (GRISI, 2020, p.2).

Com isso, que mecanismos têm sido adotados para olhar Salvador por essas novas lentes? Como a cidade tem se desdobrado dentro de suas representatividades revisitadas por novas perspectivas? Os hábitos citadinos foram suprimidos enquanto atravessados pelo cenário pandêmico elencado por um vírus desconhecido e assustador. Estamos todos buscando experimentar as ruas enquanto exploramos os espaços internos e olhamos furtivamente para os apetrechos tecnológicos como uma espécie de ponte, conexão com tudo o que conhecíamos rotineiramente e que agora tem sido traduzido por inadequações, como um simples contato aos encontros urbanos.

Fui à feira. Primeiro torci para que estivesse vazia, para que o sentimento de culpa que me consumia houvesse acometido outros indivíduos de maneira mais peremptória e que, eles, sim, cidadãos de alto caráter moral, optassem por ficar em casa. (GRISI, 2020, p.1).

Nesse sentido, a autora recorta uma prática comumente aos hábitos soteropolitanos, ir à feira⁴, mas que agora tem sido considerada inadequada diante dos acontecimentos catastróficos gerados por um alto número de contaminação em curto período de tempo. No mês de maio a jornalista Marina Silva escreveu para o Jornal Correio sobre a situação pandêmica na feira de São Joaquim, que até o momento permanecia aberta.

A feira que se tornou a mais importante de Salvador foi se transformando com o passar do tempo e agora vive mais uma grande mudança na sua rotina. Durante a pandemia de coronavírus, os sorrisos deram lugar às máscaras e o vai e vem de gente entre barracas foi, aos poucos, diminuindo por conta do isolamento social. (SILVA, 2020)

De acordo com Rubim (2008) a Bahia pode ser designada por meio de sua fixação no imaginário social, de traços identitários resistentes, que a concebem e reiteram como o centro ancestral, como o lugar natural do acolhimento, do trânsito, da troca, da mistura.

⁴ O governo baiano estabeleceu medidas restritivas para frear a circulação de pessoas nos lugares de maior concentração popular, como fechamento do comércio local, redução de transportes públicos, entre outras. As medidas buscam reduzir o aumento progressivo dos casos de contaminação e evitar uma superlotação nas redes de saúde, com isso, impactos negativos na economia também tem afetado a população.

Com isso, era de se esperar que o cidadão baiano não soubesse caminhar por distâncias, o soteropolitano menos ainda, cultivamos os hábitos dos encontros, perpassamos pelas conjeturas sociais enquanto conjugamos abraços e burburinhos festivos.

Nessa perspectiva, ainda retratando sua experiência na feira no centro da cidade de Salvador, Lorena Grisi (2020) tece um retrato fidedigno do próprio cidadão baiano ao deparar-se com recomendações para manter-se distante, isolado, higienizado.

A cada ilustração que eu tocava na feira, me perguntava se quem a tocou antes de mim teria coronavírus. Uma amiga que vendia livros só deixava as pessoas tocarem os exemplares de seu stand depois de assepsia com álcool gel. Ela me ensinou um cumprimento que os europeus têm adotado em que, ao invés de abraços ou apertos de mão, tocam-se os cotovelos. Usei esse cumprimento com ela, mas esqueci dele cinco minutos depois e já estava abraçando todo mundo que eu encontrava. Muitos amigos queridos e somos todos baianos. O coronavírus vai fazer um carnaval em Salvador e a culpa é de gente como eu. (GRISI, 2020, p.1).

As relações festivas estabelecidas na cidade de Salvador dinamizam o modo como os soteropolitanos se relacionam com os espaços. O carnaval, mundialmente conhecido, ocupa posição de destaque no cenário de manifestações culturais. Cabral (2013) aponta que o evento baiano, caracterizado por seus trios elétricos, é igualmente responsável pelo lançamento de diversos artistas locais e pela consolidação de uma indústria de entretenimento que articula ampla cadeia de fornecimento de pronunciada importância, tanto para a dinamização da economia local como para a própria cultura baiana.

Por meio de tal perspectiva, impor à população baiana permanência em suas casas, seria mais simples se não fosse uma imposição estabelecida por ordem fatídica, o dever de ficar em seus lares criou uma esfera espessa de ansiedade e incertezas. E ainda há aqueles que escapam esporadicamente, não aguentam mais, dizem. Para cada um desses surgem outros com narrativas morais e éticas, mas já é conhecido de que no íntimo, todos estão buscando o movimento das ruas de Salvador com grande saudade.

Que esse vírus descubra logo que o ser humano não vale a pena, vá embora como veio e fiquemos todos bem. O que eu farei quando esse momento de doença real e de exaustão virtual passar, quase comento na postagem do Facebook, mas hesito: vou tirar férias no setor onde trabalho, tomando café ruim e sofrendo com tendinite. (GRISI, 2020, p.2).

Nessa perspectiva, Liliane Vasconcelos (2018) afirma que por mais complicada que possa parecer, a urbe exerce um fascínio inevitável, não somente por despertar o desejo de compreender o momento atual, como também por seu papel como pedra de toque no desfile da complexidade humana.

Perceber a cidade pelas lentes de uma crise sanitária compõe uma rede de incertezas e angústias, entretanto, não há indivíduo que ainda não tenha proferido, mesmo que timidamente, o discurso sobre todas as coisas que pretende fazer “quando a pandemia passar”.

Por meio dessa esfera de saudade, a Prefeitura de Salvador através da Secretaria de Cultura e Turismo (Secult), lançou a campanha “Uma saudade chamada Salvador”, protagonizado pela artista baiana Larissa Luz e dirigido pela Mandinga Filmes, uma reunião de lembranças sobre o imaginário simbólico baiano.

A produção revela fragmentos da cidade de Salvador sob uma ótica afetuosa enquanto aborda memórias sobre as representações socioculturais da cidade. No curta, é possível perceber a ânsia dos encontros, o modo introspectivo como as pessoas têm se relacionado com a cidade, mas sem perder as texturas do movimento, do cheiro, da cor, e calor que só Salvador se predispõe a oferecer.

[...] “Saudade do calor.” Você tá sentindo isso? “Eu não vejo a hora de voltar. Pegar a estrada, me jogar no mar. Bater perna no pelô.” Gente que mora longe. Gente que mora aqui. Gente que nem conhece, sente. Você tá sentindo? O cheiro do acarajé, do nada, subindo, invadindo a memória. Isso é coisa de quem tem história. Você tá sentindo? Porque eu tô. E eu sei o que é isso. Isso é saudade. Uma saudade chamada SAL-VA-DOR. (LUZ, Larissa, 2020).

Apesar de todos os obstáculos recém-descobertos, o cidadão soteropolitano cultiva, com barulho moderado, a esperança de poder integrar-se

aos reencontros perpetuados no coração de uma Salvador saudosa e ansiosa por movimentar-se mais uma vez no calor, nos temperos fortes do tabuleiro da baiana, nas praias atraentes, na alegria de um povo que não sabe apenas como fazer a festa, o próprio povo e a própria cidade é uma festa.

3. CONCLUSÃO

As circunstâncias contemporâneas permeiam uma onda de pavor, incertezas e esperança. Tornando o cenário ainda mais espesso. As cidades não foram projetadas para o silêncio e ausências, pelo contrário. As cidades norteiam movimentos, dinâmicas flexíveis entre ser, estar e perceber-se na urbe. A própria essência cidadina é moldada pela movimentação dos transeuntes, pelos encontros, pelas multidões e relações estabelecidas.

Encarar uma crise sanitária tem sido desafiador para o século atual, o governo de Salvador tem buscado mediações para manobrar os obstáculos oferecidos pela crise, o isolamento (para quem tem podido cumprir) tem afetado o modo como as pessoas se relacionam com a cidade e com elas mesmas.

No vídeo “Uma saudade chamada Salvador” notou-se a ânsia refletida na silhueta saudosa do povo baiano. Não há quem ainda não tenha reclamado sobre a saudade que está da rua, da vida, do movimento fora das paredes de casa. Os apetrechos tecnológicos anestesiam a vontade de estar presente, mas é de comum acordo que não há conexão *online* que comporte o contato humano, o calor dos encontros, os festejos de um povo que nunca aprendeu na prática sobre os afastamentos.

Percebeu-se que as representações do imaginário coletivo têm sido revisitadas pelos novos mecanismos de encontrar a cidade, mesmo que seja através de uma tela digital. Com isso, a cidade de Salvador tem fomentado mediações introspectivas e saudosas, as festas silenciadas, os encontros adiados, tudo projetado para a imagem de um futuro esperado em brevidades.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Bahia de todos os santos - guia de ruas e mistérios. Rio de Janeiro/ São Paulo, Editora Record, 2002, 42ª ed.

BONFIM, Carlos. Olhares sobre a cidade: humor e crônica urbana. **Leitura**, v. 1, n. 37-38, p. 15-27, 2019.

CABRAL, Sandro; KRANE, Dale; DANTAS, Fagner. A dança dos blocos, empresários, políticos e técnicos: condicionantes da dinâmica de colaboração interorganizacional do carnaval de Salvador. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 64, p. 145-163, 2013.

GRISI, Lorena. Hoje o coronavírus chegou a Salvador. De tarde, fui à feira. 2020. No prelo

GRISI, Lorena. Quando o isolamento social acabar. 2020. No prelo

JESUS, Liliane Vasconcelos de. **Salvador entre o texto e a tela**: imaginários da cidade contemporânea. 2018. Tese (Doutorado em Letras, na área de concentração Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura). Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura - Universidade Federal da Bahia.

KRAAY, Hendrik. Entre o Brasil e a Bahia: as comemorações do dois de julho em Salvador, século XIX. **Afro-Ásia**, n. 23, 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus Brasil**. Covid-19, Painel Coronavírus. 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso: 23 de julho de 2020.

OMS. Organização Mundial da Saúde. 2020. **Medidas Protetivas Covid-19**. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/>. Acesso: 23 de julho de 2020.

RISÉRIO, Antonio. **Mulher, casa e cidade**. Editora 34, 2015.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; RAMOS, Natália. **Estudos da cultura no Brasil e em Portugal**. EDUFBA, Brasil, 2008.

SANTOS, Milton. O centro da cidade do Salvador. **Salvador: Publicações da Universidade da Bahia**, p. 56-63, 1959.

SECULT; LUZ, Larissa. Prefeitura de Salvador. **Uma Saudade Chamada Salvador**. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/EzQ3FkWRnWw>. Acesso: 23 de julho de 2020.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Col: Convênio Andres Bello, 2001.

SILVA, Marina. Jornal Correio. Feira de São Joaquim na pandemia. 22/05/2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/feira-de-sao-joaquim-na-pandemia/>. Acesso: 23 de julho de 2020.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. The Spanish flu in Salvador, 1918: city of alleys and tenements. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 12, n. 1, p. 71-99, 2005.

TV BAHIA. Celebração ao 2 de Julho em Salvador tem ato simbólico de autoridades e flores em estátua de Labatut. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/07/02/sem-presenca-do-povo-cebracao-ao-2-de-julho-em-salvador-tem-imagens-dos-caboclos-e-flores-em-estatu-a-de-labatut.ghtml>. Acesso: 23 de julho de 2020.

ZIMERMANN, Giovana; PECHMAN, Robert M. **Por um urbanismo lúdico e afetoso**. e-metropolis, Rio de Janeiro, ano 7, n. 24, p. 63-64, mar. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/tfCI54>. Acesso em: 26 jul. 2020.